

O AZEITONENSE

Órgão independente defensor dos interesses de Azéitão e arredores

ADMINISTRADOR

Manuel Faria de Bettencourt

Conselheiro e conselheiro

Tip. Henrique Torres - R. de S. Bento, 279 - LISBOA

DIRECTOR

Gastão Faria de Bettencourt

Domingo, 15 de Fevereiro de 1920

Carnaval

"Timóteo o Poco no deserto contra Moysés e Ioy o tumulto das állas". Carnaval.

P. Mendes de S. Pedro - Tomo I, pag. 55.

Carnaval!

Tempo em que a imbecilidade se despe de artifícios, em que a maldispera lubrica e despóica, atazanando o que é estorvo incomodo à sua saciedade simplificada. O Carnaval é raro mephistófólico que perpassa através dos tempos e das civilizações, escorrendo állas, desprendendo a virtude e a honra, fazendo momícos á honra, mostrando enfim, ao mundo que o Homem é sempre... o homem.

E é produtor livre de todos os vícios do paganismo, que se preparam para volver com desassombro, n'este século que tem deixado perdo e pouco, que de bom, os outros séculos inventaram.

Descedendo em linha recta das festas do bô Apis dos egípcios, da do Phurim dos judeus, das bacanças gregas, das salinares romanas, das festas de Cibele, das lupercas, das festas dos doidos e dos inocentes da misericórdia.

O christianismo suspendeu por instantes, quasi imperceptíveis, as manacadas, mas é próprio do ser humano não se deixar desprazer das práticas seguidas por muitos anos, e mesmo que elas representem um benefício manifesto para a comunidade, e por isso os cristãos, que abjuraram o culto dos velhos deuses Bacchô, Saturno e Pan, conservaram como religião consoladora as festas que lhe congravaram, os misterios dessas divindades pagãs.

Em vio condamnaram os doutores da igreja de São Tomás, de São Bernardo, St. John Chrysostomo e outros, as danças e os folguedos masecares; debaixo as estigmatizou o papa Innocencio III em suas decretos.

A tudo tem resistido essa alegria louca e imbecil que, por reprimida,

aguarda com feroz impaciencia esses dias de licenciosa estouançosa, para se patenteiar em tola a repugnante baixa, como um estigma de animalidade de malícia e de atração.

Ainda este tempo não é senão, o único em que se é sincero, em que se não representam.

O nosso Carnaval este anno, no entanto, como permitiu os dias nublados que passam, n'estes dias terríveis que nos vão aproximando do abysto, que ha muito nos espera, es-a alegria desfreada, que caracteriza o Carnaval; só a perversão poderá conseguir offuscar um instante apenas o luxo que cada dia deixa na alma.

Mas, se é alegria desfreada, pode picar aquelles inconscientes que gamiam rios de dinheiro em diversões e brincadeiras estupidas, dinheiro ganho á costa. Deus sabe, de que artes e que militaria tanta angústia, tanta dor!

E em quanto no torvelinho dos bailes, nas vertigens desse prazer fugaz, em que cada um só pensa em revelar a sua animalidade miseríssima, fuzilinhos, aítraves dos «longos», seus deejays bestiais, muitas famílias meditam profundamente nas dificuldades da vida.

O ruído do trânsito irá encorajar a galardona fria e desaconchegada das que vivem do seu trabalho exigeante e que está longe de prover á sua manutenção. Sóis os que não pedem nem aumento de salario nem diminuição de horas de trabalho, aquelles que do trabalho vivem e a quem o Carnaval astegou e perverso ha de magoar, e ferir.

Só tambem os que vêm com «narra» a Patria afundando-se, em quanto que a malvezade e o vicio, que vêm com um can-can que, totonto, os fazem juntar-se, é que, lamentando tristemente a criminosa indifferéncia desses idólatras de Pau e Bacco, há-de dizer, como Christo no Calvario:

«Iaze, perdoa-lhe que ade sabem o que fizeram...»

Miseria humana!...

Decorrido um anno, a guerra alastráva por toda a Europa, e em quanto se procedia á mobilização de tropas, solíspedes, viaturas e generos, Banaboa edemobilizava a casa.

O café com leite, ou alimento passou a ser só água de cerveja, açucar, e por fim, só açucar e sem café.

On chapeu, o vestido e as «mitaines» de D. Aideguedes, pediam a todo o momento que lhes fizesse concedida a reforma, só passa que o «fracô» de Banaboa pedia café como as crianças pe demusculo do «Scots».

Em compensação o mestre Zarcarias passou a ter mais quatro oficiais no mesmo ofício, e o Magriço a vender a batatas a este tostões o Kilo e em vista de assentar multato a quem comprasse a este aboboreira.

D. Aideguedes, assim magra que a vassoura de caba com que costumava varrer as migalhas apés as refeições, agora em disponibilidade por falta de migalhas e refeições, lamentava-se e ordenado de seu marido não chegar

* PROPIEDADE DA EMPRESA AZEITONENSE *
Relação e Administração * * * * *
Casa da Procuração, 45, 1.º dir. - LISBOA
Toda a correspondência deve ser remetida para a Rua de Proclamação, 65, 1.º dir.
- ou para P. Martins Xavier Junior - Vilas Nogueira - Azambuja - Leste

PUBLICA-SE: LOS DORINGOS

Não se realizam originais editoriais não publicados. * * * * *
Não se admitem correspondências anónimas. * * * * *

EDITOR DE OPINIÃO
Vicente Faria de Bettencourt

PREÇO DA ASSINATURA	PREÇO DOS ARTIGOS POR LINHA
Trienalre R\$ 100 réis	1.º Pag. R\$ 100 réis
Bimestral R\$ 60 réis	2.º a 7.º Pag. R\$ 60 réis
Ano R\$ 180 (100 réis)	8.º a 12.º Pag. R\$ 100 réis
	Pagamento adiantado

Pedacos d'óro

A BELA DONA

(MINIATURA DE MUNDANAL)

A Júlio Cozzani

Em margarida palhaço de Florence, morava esta prima florista, que era a maior bellesa perigosa dos tempos passados de Renascimento.

Viviam gráce diações d'Alençon ou de Provence, encantadas palhaças de Palermo, cárdeas de Quintino ou da Beira, encantadas tudo á menor litigio...;

Eis viva assado de angelical pureza, quando se achava em plena flor, mas desdenhosa, e, nem... e, altro, aquela.

Viva a botina que se achava em flor! Digna chega... Amava cavalinhos... e no escuro quebrou um mal me quer...

II

LADY CREDULÀ E SONHADORA

(MINIATURA DE IDEALISTA)

Vedora Neapol, e poi morire

A. Cunha de FARNHAM

Lady Mabel tryous ou Apeninosa, amava o amor, o amor, o amor, e o amor, e amava sempre tanto o Tapete, Dous amores uns outros adoráveis.

Hair così eras, em tuas dobras as dobras. O Dr. Vovo, padugar o pole, a vela, e dize-lhe a Vovo... Lady formosa, achava... com male saudade que eras o meus meus meus!

Mas esse malzinho, salvadouro, com essa vontade e esse cansaço, das crooulas gente de mar do sol...

III

A CAPRICHOSA

Fazai-me por favor!

(MINIATURA DE DONZELLA)

A ASTÉRIO DE FIGUEIREDO

Fantastica moça de Alentejo, mais misteriosa que o litorio o atlântico, e que o mar da China, e que o Rio de Janeiro, Goiá Tucu, ou Grá Leme, ou Tschubé,

nem para comprar ao menos um par de «mitaines» novas. A Lili tinha entrando para um escriptorio onde gravaçãs as suas habilidades do inglês piano, francês, espanhol, grego, bordados, latim, esperanto, e sobre todo, primeiro e segundo grau e polka janota, era diligiosa, ganhando tres escudos.

...Bebia, andava infeliz. Não sabia ainda no certo se deveria suicidar-se ou não. De forma alguma, se fizesse, desejava ir para a vila, e se a carecesse da vida o assistava, não meno e intimidava a certeza da morte. Os transpentes funebres estavam caros, os gatos pingados, mesmo epigástricos, às vezes, não estavam baratos e quanto ao preço dos caixões sanguíneos e camuflado, muito embora a família desse o corpo do defunto.

Um silêncio de sepultura tinha invadido o lar da ilustre família. Banaboa, silêncio este apena interrompido por momentos de desespero do mestre Zarcarias que já eram cada vez mais de 10, e pelas manifestações de regozijo feitas pelos «habitantes» das «chichas» á porta de sua vizinha. Magriço, que tinha aumentado o preço das batatas para note tostões o Kilo,

Coligam-se duas temas uma estreita e estranha Ela a vir... Vou falar-lhe! Não é assim... Corre este... Tive este... Ele se despede... isto é... Não é expusas muita da mim!

De onde entra vaga d'água no gabinete, aspirando, os lares, entre os rochedos, as mistériosas valências do mar!

Umas vozes aítoas, ou raio, ou raio... Mas outras, com desgostos de crenças... - Deixa Jesus... - Deixa-me só tejor...

Olives Leal

CRONICA

BACANAIS

Resumidas as pompas libertinas dos antigos costumes de Carnaval de Coimbra, transformadas no sabor da época, as fápericas e saturnais dos romanos, temos como mirageem as festas carnavalescas que são bem a tradição desse passado dissoluto.

Em cada anna qualha alarma cristalina se perde na atmosfera paesada dos bailes, se afunda no lodapal que leva só abismo. E em palpitir insano de perversão e de covardia, uma retratação de instinto para instinto. Desafarem-as as apariências, exhibe-se a malédica que a disposta guarda, descobre-se o delito de multidões anasaltada pelo ciúme.

No traje que vestem indicam o que representam sentem, na farça que representam mostram o que o coração em tempos ocultos...

As liberdades sucedem-se com desembargo e grosseria; papismos diabolos vermelhos de ironia com ritmo de lugares. E todos ouvem, todos tentem a lava ardente do vulcão passar por sobre o peito, resvalar, incandescer, pela mente, precipitar no turbilhão de escória do pensamento. Todas se arremessam á vileza dum açoçoquinha esperando a prémia com temor e com perdidura.

Poucos ha que se libertam do peso das paixões das paixões, que sahem vencer a tentação do Vicio. Mas esses são timbrados pela misericórdia com a chanceira de

E em quanto os oficiais da arma de sapateiro, abandonando os exercícios de tombas, sólidas e melias das cinco horas, saboreavam uma sapateiralada de duas horas, e começavam a fingir que trabalhavam ao meio dia, o pobre Banaboa trabalhava todo o dia dando ordens ao seu estado maior, fazendo serões e quando que nem um exercicio a caminho da serra da Arrábida.

Uma noite, um portoiro do teatro Trindade, amigo íntimo de Banaboa, presentou-o com um camxote de 1.º ordena a começar do teatro, onde a família se instalou, esquecendo por alguns momentos as agruras da existência.

Terminado o espetáculo, com grande de admiração da família Banaboa, sairam da primeira fila dos «estâncias» de orquestra, de onde assistiram, o mestre Zarcarias acompanhado do Magriço, envergando este em belo sobre-tudo, com capa de peles e aquele uma linda agardanha e cache-cole de seda. Era espantoso!

E no entanto não deixaram de clamor de fórmula a serem ouvidos por Banaboa!

(Continua).

S-Palerm do «Estrela-15 de Fevereiro de 1920

Romanzo intitulado de A. VICTOR MATHEUS

Uma aventura

III

A ILUSTRE CASA DOS BANABOAS

-Por isso ele traz a centopeia da mulher de chapéu!

-E a «lambigüe» da filha! En vez de a pôr a aprender um ofício...

São burgueses, sr. Magriço e o visinho queria que uma menina das quelas andasse com o ofício! Isso! sim! Piano, francescos e bordados... talvez agora trabalhar era uma vergonha para a família.

Banaboa sabia bem de quanto eram capazes as linguas víperinas dos seus vizinhos, no entanto fingia não lhes dar corvão.

Nada mais natural que um dia preclar a elas, e depois... atribuiu-lhe o facto de não ser fréquez d'elas.

parvos, ou dia-lhes por divisas o epí-
teto de senhadores dementes.

O carnaval é uma festa tradicional que devia terminar para sempre, pu-
rificando o mundo, admitida a moralidade... tema de pensamentos e de
existência. Já basta de corrupto já
basta de vilania. Devemos esforçar-nos por defender as almas que são de
viver imaculadas e grandes como Deus
as fez. Devemos elevar em sonhos de
crystal e suas candidas relíquias que va-
guem perdidas, sem rumo e sem
guarda, para formosura das almas e
grandezas dos corações. Siganos o ra-
stro luminoso desses cavaleiros antigos,
apaxionados e crentes, levando por
escudo a alma tecida de lana.
A plenitude de nossos horos, rega-
mos, por inovável, sempre magnânia, e
por legenda um pensamento bendito,
e quando nos olham como uma estre-
la!... Sabemos, defender do ultraje
tudo que é santo, tudo que é divino,
apararmos as panelas luminosas que
brilham sobre a terra e o vulgo tanto
contraria e ameaçam.

O esquife de marfim e oiro da nossa
fantasia deve condensar-se no dorso
ativo e acastelado dum baluarte invi-
nencível e inexpugnável!

Combatémos com lealdade as injú-
rias que incessantemente tentiam
macular as joias mais preciosas que o
Criador concebeu e salvaramos vencedo-
res e adoradores de Deus.

E forçous amordazar o brando tonto
dos gargalhos e das chicanças, é ne-
cessário erguer a cruzada do Misticismo
e da Purificação, amparados pelo
Sér que vive em nosso Sér, guiados pelas
estradas que veia os nossos passos.

E tempo!

Busquemos prestes a liga do comba-
te, marchemos ao encontro da Perver-
sidade que cresce e se avizinha, antes
que o camareiro de Vicio tenha delitado
por terra a candida pureza das almas
arminhadas...

HENRIQUE DE BETTENCOURT.

Fevereiro 1918.

Retalhos d'Alma

NO BOM JESUS DO MONTE

ao Exmo Sr. dr. Alfredo da Costa

XV

Desponha belo o dia. Um sorriso d'aurora,
Sorriso, casto e meigo, é d'uma luxo divina,
Vem despertar com um belo a gás de neblina
Que o sopôr da montânea adormece noutrora.

Nas rosas e nos lírios um sorriso offere
á desponha belo ridículo e matutino,
—Pelas fontes murmura a agua cristalina,
E há sonhos e sonhos por essa campa flora.

Accorda a colerica e entos jorjal.
Uma canção, um bino alegre e matinal
Aí dar os teus «bon dia» a matutino hor.

Rpondentes ronronhos «kondidom» p'los balões
Desperíam do letargo em sclerous adoráveis!
E um siso tanq' no longe, acorda o «bom Jesus».

Bom Jesus do Monte, 912.

NÃO!

XVI

Abrir-te está substituído por em par,
Seria uma iraqueta, uma loucura...

Poderá por isso ter ventura
Um congeço de Dóz e nasefrago?

Minh' alma mergulhada de pesar,
Irá dormir em fija repulsa,
Ansortilhada n'uma noite 'scura,
Por um sorriso seu, p'ris os teus olhar.

Disto-te o meu sentir, oh... não posso!
—Se o sol n'ha embora em seu voo,
E os Destinos g'ra n'ha seu benvore...

E se n'ha eris poroso que no te digo,
Dizes que o sois a Dóz a'lo congo,
E que endosa e cianas estes versos:

Bom Jesus do Monte, 912.

A. VICTOR MACHADO.

Cantares

«A cantar von arrastrando
A crua da minha saudade.

A. B.

Foi ama aleluia para a noiva alma,
quando a mão amiga de Antonio Botto
nos entregou, sem ritual nem prele-
ções, o mimo adorável dos «Cantares»
em que três artistas comunicaram,
deixando, envolta n'um halo de luz
tanac e doce, um pedaço da sua alma
de portugueses.

Foi a temos, quando nos foi dado
anteiros, que os amigos preparamo-
nos, nos deixamos aqui, em linhas de
stavishes, a fundo impressão sentida.

Mas, mal supuhamos nós que todo
quanto tinhamos pensado era simples-
mente um esboço empalidecido do que
viria a ser essa obra, que vai marcar
no nosso meio literário um lugar de
inconfundível destaque.

E' um livro de amor, um misal de
Saudades!

E' pouco mais ou menos as duas
cousas, nimbadas na luz das manhãs
irradiadas de primavera, quando uma
ave palmeira lança o seu grito de al-
vorazamentos.

E' o sonho delicado de três Artistas
que se encontraram na estrada zig-zag-
ante da Ilusão, a caminho do Per-
feição, do Esquecimento.

E' o orroço aliado de três almas que
ajustaram a dentro da me-me as-
piração, ligando-se, completando-se.

Quizeram ouvir essas canções que
Antonio Botto rezo e Nicolau de Al-
buquerque transformou em harmonio-
nos palmeiros, nas placidas aguas do
Mondego, platinações e amigadissas pelo
novo sublimo de Janeiro, na barca «Sem
Destino», encalhada pela garranta de
crystal de um triângulo imaginária en-
volto o arvoçado latente... no choopal.

E' sonharamento entoado no tempo
mouras languescentes em seu castelo
roqueiro, ouvidos o cautar dolente de
menestrel amado.

Cantares... A um livro precioso em
que tudo foi cuidado e sentido. Vê-se
que adios sempre sobre elle, qual
benção doída, a sua tensão da inspi-
ração refluiu levemente sobre as suas
páginas de papel pergaminhoso.

E' em pergaminho amigo da melan-
cholia luarenta da raça.

E' em um sonho perfumado, grandioso,
revivendo descobertas
por mares agitados e convulsas, quô
só o amor da Patria consegue domi-
nar.

«Quem te deu tanta tristeza,
«Cântango que eu canto a chorar?»
«—Quantas vezes te cansei,
«Li sobre as aguas do Mar!

«Com saudades no meu peito
«A una guitarra abracado,
«Quantas vezes te cansei,
«O triste canção do fado!

E' a Saudade importunada; a Sauda-
de amanhã do céo, que nos em-
bara vida fiz, que purgasse, lembran-
do um amor saudoso.

E Antonio Carreiro, o artista que
não desonra suas cousas, mas trazem almas,
esboça sombras de mistério, esfuma a
alquebrada figura de marisqueiro, en-
volta no seu varão, soluçando na guil-
tara a saudade que o habita.

Todo o livro é um «Livro de Horas»
com iluminuras raras, que à sâma dão
consolo, esperança e alegria.

E um livro todo Portuguez e bem
digno de ser colocado sobre a arcá-
naga da Patria, onde todos aqueles
que amam a sua Terra, devem ir ren-
der de terreno o seu culto de amor,
tendo o incenso o perfume das al-
mentas artísticas, onde o ideal habita.

Tais são as nossas impressões dos
«Cantares».

Nelas sentiu a felicidade desse evangelho
de ternura. E por isso mesmo é pobre
e sem valia o que d'ele dizemos.

A alma é tão avalor!

5 Fevereiro 1920.

CANTARES

Versos de Antonio Botto, musicas de Ni-
colau de Albuquerque, encenação de An-
tonio Carneiro, Antonio Guedes e Antonio
Amorim.
1 volume ricamente encadado 5000 rs.

Podem ser feitos pedidos a esta redação, en-
viando-nos a respectiva importancia.

Cancioneiro antigo de poesias Inéditas

A Maria Francisca tendeira da cap-
pella, quando comessom a vender

ROMANCE

Viajou sobre a ver Maricas
que a Capela real
que nos dava assistencia no Paço,
não me capella era.

Então sentiu a memória
que esta terra de campanha
que era terra de campanha
então que veio Amor faz.

Tem muitas paixões de fato,
que cada vez que veio
que era terra de campanha
que era terra de campanha.

Então houve fato agradado,
e eu que certo sagal
mais que perdesse em tal horco
deve ser de Flandres he ja.

Hoje entendo a memória
e vidente que ver de
vinda, alí de onde veio
que meu avô vay.

Avantado que não chego
a reja de veras vaidade
porém que compra a Maricas
capricho deve ficar.

Hoje em quando na casa
sua, que em casa tal
que ver de mar
vara de paço marcas,

Quem não quisdes
que a Maricas
conquer as fata que vende
Amor ou seu honesto faz.

Avantado e paço, Fabio,
deprece a Paço chegá
que negligencia nos divinas
não se pode desprezar.

Avantado

Re-criticização necessária. As
censuras desse romance, que é ultrabobo,
que prima a infâmia de que é António das Chas-
tas que recitou ao encantado de Arribalda, que
é certo que foi ao Varzim, que só pelas fanta-
cias que aí se passaram, que o autor cometeu
a cágia de Pr. Agostinho da Cruz, que era
de um sócio ante os autores das «Cancioneiros

Arábicos, se lhe esquecer do mundo as brechas da

Académica.

As censuras que pensam em so-
nhar primeiro, podem não chegar nun-
ca a viver — e só esses são gloriosos,

eternos, porque os que chegam a viver
vêm diminuído o seu sonho pela sombra
da vida, e manchada a pureza de seu sonho
pela contingências da Realida-

Oiro e Marfim

Prefácio e Reflexões

PARA MELINANDO.

1. Julho,

Uma senhora das minhas relações
criou, para uso próprio, uma divisa
admirável: «primam omniae», desde vi-

er as divisas mais profundas e mai-
belas que eu conheço. Tenho pena que
a tive-se criado, e não vive-se des-
coberto eu. E' a divisa de um espírito
superior e de uma sensibilidade re-
quintada, para quem a vida vale não
pelo que nos oferece, em suas contingências mesquinas, mas pelo que nós
damos em nossas phantasias fe-
cadas. Viver primeiro e sonhar de-
pois, além de ser proprio das creatu-
ras acahnadas e limitadas, grosseiras e materiais, tem o grave risco, para
um Artista, ou para um dilettante de
colocar o sonho de viver a lazer apre-
cioso o sonho de viver a hora de apparecer.

A vida, afinal, não vale pelo que se
vive, mas pelo que se sonha. E hom-
ens inferiores só os que intrinsecamente
risam os seus sonhos, ou os que rápi-
damente se contentam com a satisfa-
ção dos seus sonhos. São as almas lo-
cadas p'la graça de Destino, ou para
as grandes tragedias ou para os gran-
des feitos, só capazes de acceder e
comprehender essa divisa. Porque só
os Poetas, os Heróes, os Artistas, os
Mysticos sabem sobre-de'r as realidades
da existencia, as chimeras, musicas,
os deslumbramentos fascinadores do
Sonho, e só o silencioso e eterno
do Sonho, como o matrastro é o alimen-
to supremo das almas baixalas, pelas
olhos dos deuses. Viver, todos o
fazem, sonhar só raro o conseguem.
Para viver, basta existir; para sonhar;
é preciso possuir um ideal, seguir no
ceu o rasto de eiro de uma estrela;

para encantado a ouvir o murmurio
doce de uma fonte, deixar o sonho
p'ra estranho de uma sombra, ou
enigma, e só assim, se achar pelo
mundo, pode ser sempre na aza tenta-
dora de um Protagoras.
Aquelas que pensam em viver pri-
meiro, jamais conseguem chegar a so-
nhar; passam na sua banca como um
numero. Aquelas que pensam em so-
nhar primeiro, podem não chegar nun-
ca a viver — e só esses são gloriosos,
eternos, porque os que chegam a viver
vêm diminuído o seu sonho pela sombra
da vida, e manchada a pureza de seu sonho
pela contingências da Realida-

Primo, sonhar; depois, viver. E
se não chegam a tempo de viver, tan-
to melhor!

25 de Julho.

Estou hoje muito triste. O dia foi
muito triste. Tristes os versos que tive. A's
vezes, sintu o meu coração muito pa-
queno, muito inquieto, muito receio-
so, e tenho a impressão de que elle se
escorre no fundo mais íntimo do meu
coração, com medo de lá vir, com medo de
vida, com medo de mim... Eu no meu
coração forças secas e saudades mor-
tas, e uma solidão tão grande, e um
medo tão intenso, e uma curva de
medo e medo de vida, abandonado
num inverno sem fim. Já não tenho
esperanças que o consolam, nem chima-
ras que o encantam. Não tenho nada,
nada e nada! Quem! incenso. Debru-
ço-me sobre o incenso e aspiro as ondas perturbantes do perfume sagrado.
Dores de cabeça. Verigemas. Uns
procuro esquecer as suas magias na
volupia da turba, no arrebentamento do
Raivo, na locura do mus-hall. Eu
oculto-me cada vez mais no meu isolamento,
no meu desdém, no meu des-
dimento.

GASTO DE BETTENCOURT.

seisimo, e vou coñego nma borboleta ingenua ou como um leoco infantil, atraç de um sonho de oiro, poalha de oiro, sombra de oiro, chimera de oiro, phantasma erratico como floco de nevoa, sonho sterno que me encanta e crucifica!

(Transcrição)

ALFREDO PIMENTA.

Chronica elegante

Tivemos o prazer de ver já a pa-ssear pelas ruas desta vila, depois da grave enfermidade que acometeu, a sr. D. Alida Aires Curado Rocha, estremo-sa esposa do nosso amigo Militio Ro-cha. Muito Folgamos.

Vigilanturam

Esteve no passado Domingo acompan-hado de sua esposa sr. D. Candide Fernandes Batista, o nosso amigo e distinto farmacêutico em Setúbal, sr. Ceser Romano Batista.

Também de passeio em sid-car esteve novamente aqui acompanhado de seus cunhados, o nosso amigo Edu-a Mâncias, Alferei-d'administração militar.

Doenças

Encontra-se gravemente doente o Padre do noso esleitor colaborador e mu-nido querido amigo Manuel Cardoso Mar-cha.

Lamegando, desejamos prontamente restabelecimento, para a tranquili-dade do seu espírito de fato. Amusamo-nos que

— Continua de cama, mas um pouco melhor o nosso amigo sr. Domingos Sebastião da Gama, que conforme infor-mou-ho, ha bastantes dias que vem sofrendo d'um forte ataque de gota. Desejamos-lhe rápidas melhorias.

— Também se encontra bastante doente em Lisboa, com uns nrengüe-uma sibinhos do nosso amigo Eucar-nação Molarino, neto do nosso velho amigo sr. João Ananostro Gerais. Desejamos-as melhorias.

Fado-despedida

Tangem sinos, dobram sinos
Sô aíguas cheio de magusas,
Os sons dos sinos nas almas
Sô como as sombras nas aguas.

Pur a mão sobre o teu peito
Chegandinho no coração
E senti a tua vida
Na palma da minha mão.

Calada dentro de mim
Anda a alma a pregar:

E tu tens tantas saudades,
Que só me fazem chorar!

Põe teus olhos nos meus olhos,
Ai, Sô-me assim, assim.
Mas não choros, não choros
Não tenhas pena de mim!

Nossa-Senhora é madrinha
De toda a alma que chorar.
Saudades só rosas bancava
Que me dei Nossa-Senhora.

Lagrímos só contes d'água.
Rosaria de conmocio.
Quantas contas reza a gente
Por via d'um coração!

Guitarra que choro é esse
Que entristeces os corações?
Encosta-te a mim, encosta,
Que restam as ilusões.

TITO DE BETTENCOURT.

Novidade Literaria

ANSIA DE GLÓRIA
Prosa de EURICO DE SENNA CARDOSO
Verso de ECA D'ALENCAR.
A Stair Elevamento

Um motim

Correrias e chichões,
Uma enorme confusão,
Nós se covens senão gritos.

Toça e musicas! Ihas tapas
Lá pra Praça da Figueira,
Porque seremos todos
Estas seremos chinchinheiros!

E que todos querem falso
Doss meliferas e verduras
Que vendes as **TESOURAS D'OURO**
Lá da RUA DOS FANQUEIROS!

Fatos da moda

Saracósimos!!!

Palhaulas de magnificas fisionomias,
Calças de raias e faixas e faixas,
Riscos estridentes de solachas, amarecas,
Pás e alastradas e solachas para fogares,
Elegancia de côte, arabescos perfumados e
línguas superiores.

A's Ex.® Damas

A ultima moda tem Cores e Viscosas. Em ex-
clusiva: lindas bordados.

Exclusivo: roupas para senhoras.

Preços horizontinos

Arcozinhos, vareadores e mais.

Tesouras de Ouro

Rua dos Fanqueiros, 263 a 267, loja e
L. andar (temos quartos vindos de Praga)

Succursal na Figueira da Forte

Rua Candido dos Reis, 59 a 63

(BAIRRO NOVO)

Alfredo V. Rosa

Vila Fresca de 47-íto

O Carnaval de 1910 na Sociedade Philarmónica - Previdencia

Programa das Festas

Domingo, 15, ás 21 horas: —Comédia em 2 actos: «O Visirio de Cimas» —desempenhada por: António Belo, Matheus Soares, Maria do Carmo Almeida, Izabel Fonseca, Avelino P. da Silva.

— Começa em 1 acto: — Os dois estrelas —desempenhada por: José Patri-cio de Sousa, Avelino P. da Silva, António Belo.

— Canções —«Bonecas», por Aida Luzia da Costa Izidoro.

— Agite quando usars, por Manoel Luzia da Costa Izidoro; «O Galo», por João Patrício de Sousa.

Segunda-feira, 16, ás 21 horas: «Bal-
le de Mascaras» para sócios e suas fami-
liadas.

Terça-feira, 17, ás 21 horas: — Recita
e Ballo —Comédia em 1 acto: «Os dois Nardos» —desempenhada por: Manoel Pedro da Silva, João Patrício de Sou-sa, António Belo, Maria do Carmo Almeida, Izabel Fonseca.

— Comédia em 1 acto: — «Mulher de dois Maridos» —desempenhada por: Manoel Pedro da Silva, Joaquim Roque Mateus, António Belo, Maria do Carmo Almeida, Izabel Fonseca.

Monólogo —«Bribrancas às senhoras», por Alida Luzia da Costa Izidoro.

— «Mané!» —«Pedaleiras», por Manoel Luzia da Costa Izidoro; —«Um Basaio!» —um Convento por: Floriano Ricardo de Carvalho.

Este programma pola ser alterado
por caso de força maior.

ASSUCAR

Ha aproximadamente dois meses que o povo d'esta vila, quando d'eleveu inverno, em geral, que tanta fata está fazendo principalmente ao grande numero de pessoas que se encontram doentes e para quem o assucar se torna tão precioso. Confiamos no sr. ve-rador que dará as providencias necessarias para que as coideiros municipais seja fornecido para esta vila alguma massa saca, d'aquelle indispensavel su-bstancia, que aqui mais ou menos tem arrecidado à venda, mas por muito bom prego, podendo obter-o sómente os la-drões novos ricos.

O PÃO

Começam os padriões a preparar a fita das «chichas» ás suas padarias, pretendendo assim mostrar que ha falta de farinhas, e exigem mais 4 ou 6 centavos em cada kilo de pão. Con-fiamos em que a camara não autorará esse aumento. Não gôde ser.

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Grande variedades de bilhetes e
frécipes para todas as

LOTERIAS

Cantada todos os címlistas. Atende pro-
motionalidades os pedidos da provincial Ilhas

e África.

— Para regular as melhores condiçōes

Pol conviso mais \$10 mil reis.

SEMPRE SORTEZ GRANDES!

TELÉFONE Central 1020

Rua do Amparo, 49 — LISBOA

Pedidos a F. SILVA GAMA

Carnaval

Segundo nos conta preparam-se grandes surpresas para segunda feira d'Entrado no Clube Teatro Azeitona-
se, havendo nma engadissimona re-
cita, seguida d'um grandioso baile de
mascaras.

Horário dos Vapores do Barreiro

Partidas de Lisboa: 6-30 (não ha sa demlárias); 8-30; 11-30; 14-35; 17- 15-40 e 20-10 (não ha sa demlárias); 23-10 (não ha sa demlárias).

Partidas do Barreiro: 6-30; 7-35; 9-35; 11-35
e 13-30 (não ha sa demlárias).

Club Teatro Azeitonaense

Conforme noticiamos repetiram-se no passado Domingo com a mesma en-
chente, as interessantes e engadissi-
momas comédias «O marido de minha
mulher» e «Tire ali a menina», que manteram de principio ao fim em
constante gargalhada o publico que en-
chia completamente a vasta sala d'«
p'ulo Club, tendo todos os actores de-
sempenhado com bastante agrado dos
espectadores, tanto rapazinhos que se tornam
diplomatas e logios, salientando o sensa-
cioñal o nosso amigo sr. António Bastor
que foi incansável para o bom desen-
volvimento das peças bem como o distinto
maestro sr. António José Camacho

que igualmente com toda a sua bo-
vindade auxiliou todos, jazendo
músicas adiçionais as peças, como to-
mando a regalia de orquestras, que era
constituida por músicos da «Per-
petua Azeitonaense», que também presta-ram
o seu concerto aquele grupo.

No final do espetáculo foram todos
muito aplaudidos, tendo chamadas es-
peciais o ensaio: sr. António Bas-
tor e o maestro sr. António José Ca-
macho, que foram muito ovacionados.

Para uma bandeira

No establecimento dos nossos ami-
gos sr. Gama & Corrêa continua aber-
tuia subscritiva para a compra de
uma bandeira nacional para escola do
sexo feminino de Villa Nogueira.

Transporte 94000

Secção Teatral

Theatro Apolo — «Pan-

— Revista original de Marcial Vaz,
Xavier de Magalhães e Eduardo
Reis (pseud.).

Desde algum tempo aq' parte as revistas são
como os enguios. Por toda a parte surgem revistas,
e de tudo tipo: flemas, espetáculos e a
toda a parte flemas especiaes a vés-las. Os au-
xiliários estão explorados, por todos os que
querem d'uma espetáculo, e que é preciso
e tirando a «piada» política que pode variar
devido a todos os dias haver um ou mais factos di-
versos de figuração nas revistas, houve sempre
o tradicional «pan» ou «pan» da «campanha» ou «re-
quintado», «cigano-raga».

As revistas que vêm de Lisboa, e trazem
várias novelas, são sempre modas das mil e trai-
tas revistas, que é natural, e sempre apre-
sentam grande graça, que é precisamente a qualidate que
não tem muitas boas novelas, como so-
nho no 1.º acto, e tem de volta o «pan» de
Agostinho Belo — Santa Cavallo, estudo por Ma-
riola Alves e Agostinho Lagoa, e fado das «Mád-
res de campo» por Jorge Ribeiro, no qual é de
verdade um «pan» de grande graça. «Apanha-
Portuguesa», do mesmo acto, o numero das «zel-
tosas» por Flora Alves e José Moreira, e os duas
peças por Francisco Gomes e os «pan» de Mamede e Agostinho Lagoa. No 2.º acto só di-
go de elogios de algumas: «Numeras» por Amor campes-
nos ricos, que é uma charge cheia de
surpreendentes, «O Pan» por José Moreira, e os du-
as peças por Vitorino da Costa e José José, e José
Moreira, artistas dedicados e dignos de elogio.

Observando, um pouco o trabalho tentado
de novo, o artista que se destaca é António Bas-
tor no «Pan» Vida (comédia). Son forçado a
dizer-lhe, semento visto em muitos «compêrs de re-
vistas» que o seu trabalho é sempre o mais
bonito que vê em Portugal. E se é devido a
que vos «mo» no meiro no desempenho de al-
gunhas «compêrs». Artista de recurso com él, não
consiste por certo recuperar estremamente no mis-
mo acto de um sector de categoria. Vê bem, con-
sidera sempre desempenhando papéis de igual
graça e dos tipos bem estudados, bem caracte-
rizados e notabiliza dignos d'um artista que es-
tude a sua profissão, e que seja sempre um
«pan» de bom gosto, é sempre um artista
que se destaca. José Moreira, impondo-lhe des-
de sempre, o artista condecorado de sempre, que
o «Triste fado» que no «Confiteiro», é bem
monocórdico dos apelos que o público lhe dis-
põe. José Moreira, impõe-lhe sempre uma voz pera sua
bem timbrada e correção do seu trabalho, que é preciso que apre-
sentar a todos, intercalando subtilizar com apre-
sentar.

Dória Vieira, interpretando o entrepre
travesti! faz o que pode dentro do seu papel, que não só da maneira para mal, é pena. Era
digno de elogio, quando se apres-
sentava.

Das restantes, que contribuem para o bom
extato da revista, destaca-se Flora Dyson, Maria
Alves, António Belo, Ilda Carvalho, José
Silva, Malina Lopes, Bahira de Sousa, Jayme
Silva, Agostinho Lagoa, um novo com merecimen-
to, Borges e Santos Carvalho.

Na parte de um progresso extraordinario, que
se acentua dia a dia na elaboração das apostilas.
A apostila do 1.º acto da peça fantasia «O
pan» dos doutos convidados, com emendas de
varias páginas, é sempre um espetáculo, que
quase é mais dia de espetáculo que de teatro.
O guarda-costas, de Castelo Branco, é rico e
de gosto, gosto, não se poupe a empresa a des-
perza.

O elenco só animado, sendo o conjunto em
geral de effete.

Na parte de um progresso extraordinario, que
se acentua dia a dia na elaboração das apostilas.
A apostila do 1.º acto da peça fantasia «O
pan» dos doutos convidados, com emendas de
varias páginas, é sempre um espetáculo, que
quase é mais dia de espetáculo que de teatro.
O guarda-costas, de Castelo Branco, é rico e
de gosto, gosto, não se poupe a empresa a des-
perza.

A. VICTOR MACHADO.

PERMUTA

Aos nossos prezados colegas de
imprensa, de fora de Lisboa, a quem
enviamos o nosso jornal e que nos
queriam dar a honra da permuta, pe-
lamos a favor de v.º fazem para a
nostra sede provisoria, rua da Procis
sítio, n.º 45, 3º, o que muito agradecemos.

221 - Pequeno da Azetina - o Professor de 1920

M. CARDOSO MARTHA

Mulheres notáveis de Portugal**XIV**

ANTÓNIA RODRIGUES

XV

MARIA DA FONTE

Camillo Castelo Branco publicou no seu livro "Maria da Fonte" uma aposta-memo que em 1874 lhe ofereceu o morgado da Agra, que por volta de 1881 faleceu ainda dos 80 anos. Apoiam-no nesses aportamentos, que tecem o sélo da veracidade pois que provem de uma testemunha desaparecida da revolução minhota, e mais: dum vis-

nho das mulheres que ajudaram aos primeiros alvorotos, direi o que de mais ou menos verosímil o pode hoje assentar sobre a discutida personalidade dessa famosa mulher.

Parece que foi encontrada em 1822 por uma camponesa da freguesia de Figueiró, exalando um cheiro da fonte do Vizinho, vizinha de sua casa, quando tinha ido seguir-lhe uma superstição rito, buscar água na manhã de S. João. Levada à igreja da freguesia, quando se dispunham a baptizá-la, encontraram-lhe entre as cozinhas esta qua-

Ela era exposta junto à lareira que aquela mana d'este moço deu-me para que eu a levasse, serrei-a até a fonte.

Pois seria então Maria da Fonte! E com este nome e apelido foi a criancinha nominada.

Chimeras

*Can a filha d'uma cosa
Entre os esfolhos perfida,
Adam meus enobres d'ante
Os umbros d'um mico vida!*

(Carmo d'Almeida)

Embalado por esparranças
Sonhei vida venturosa,
Mas breve o vento a levou
Como a folha d'uma rosa.

Entregue à louca corrente
Desprezada e sem guarda,

Azim anda, pobresinha,
Entre os esfolhos perdida.

Vivo triste, morenco,
Vivo em constante amargor,
Pois também com ella envolto
Andam meus sonhos d'amor.

A dura realidade
Ja deixa a compadeça,
Me mostram assim chimeras
Os sonhos da minha vida!...

JUNOTUS.

Theodooro dos Santos Reis e Silva

Sucedor de Gaspar dos Reis e Silva

Casa Fundada em 1527

Confeitos leques e pãozinhos de todas as qualidades.
Concerto bonitos, longas e objetos de cristal, marfim, tartaruga, madeireiros, ouro
liso e outras bijuterias

Restauração de Loupas antigas

84 RUA SERPA PINTO-74 (ao CHIADO)

Antonio Ferreira da Silva

CASA MISTA

EM ALDEIA DE IRMÃOS-AZEITÃO

Mercaria, Fazendas, Ferragens, Perfumaria e Drogas

Calçado de couro, marfim e fato feito

Sulfato de calze, Enxofre,

Artigos de papeleria, Cereais

Legumes e Padraria

PREÇOS LIMITADOS

Niquilagrem e Pratear

Relativamente beratas, tornam-se objectos de metal, já saudos

como novos, mandando-as pratar ou niquilar

Encarregue-se destes trabalhos:

LOBATO, LIMITADA

232, Rua da Palma, 234

Casa de Louças e Vidros.

Naciona ecos Estrangeiros

Lisboa Telefone C. - 214

Pillulas laxatativas Boissys

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue

anti-biliosos e refrigerantes

A venda em todas as pharmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 937, L.



A achadora recebeu-a em sua casa com agrado, e para ela transferiu o amor e o leite que dava a um filhinho que lhe morrera duas antes. Passavam-se os anos; crescia a ovelha vista a mar, robusta e tranquila; mas com tam desconfia, quando querendo encher a barriga com rapese, quando tinha ido casar. Gostando de inítiada liberdade, aproveitava-a para arranchar gandais com rapese, das suas iguas com quem armava burlas (quase bem sucedidas), diariamente, embriagava-se e assaltava as propriedades da vizinhança, para roubar fruta ou lenha, com aplauso e até incitação de sua mãe adoptiva.

Vem a ponto o retrato da futura heroina, segundo o informador a que me veio encostado:

«Em 1840 havia chegado ao seu perfeito desenvolvimento. Não era baixa,

mas refeita, madeixa comprida e bem pôvora de cabellos pretos; olhos, sobrancelhas e pestanas negras; mas estavam arcadas e salientes; nariz direito e rosado; boca alongada e redonda; vestes soturnas, tristes e ruidosas nas roupas. Supunha-se invulnerável, e assim alugava os admiradores e homens-sorriços; mas sua reverência melharia venceu todos esses reducidos, e, no fim de nove meses, a roda dos exploradores deu mais uma volta. (1)

(1) C. C. Ribeiro. Maria da Fonte, Porto, 1903, pag. 25 a 26.

(Continua).

Gama & Correia

Armarinhos de Izenadas, Calpado, Chapeu, Máquinas de costura, etc.
Vinhos, Aguardentes, Azetina, Sabor, Petróleo, etc.

*Preços sem competencia
Rua Direita, AZEITÃO*

Padaria AZEITONENSE

P. DE LOBO & ALVES

Rua Aguilar, 251 a 253
BARREIRO —

Plano de L.º e 2.º qualidades fabricado com escrupulo e sacerdote
Vendas aos domicílios

José Maria da Fonseca

ESTACIONAMENTO

Largo do Corpo Santo, 6, 2.º

LISBOA

Armazém: AZEITÃO

Telefone n.º 2 TELEFONE Edif. Teleg. 8010

Vinho Moscatel de Setúbal

Vinho Moscatel de Setúbal Roxo

Vinho Palmela Superior

Cognac Moscatel

Vinho Moscatel de Setúbal Super.

Moscatel Velho (de torno viagem)

Moscatel de Setúbal (novo)

Aguardente Moscatel

Lisboa

Ignacio Augusto Basto Cruz

Rua Direita-Azeitão

Armazém de generos de mercaria.

Cereais, legumes, azedas,

Vinhos engarrafhados, gêneros, Garrafas

Vidros, louças, etc.

Tintas, ferragens, nacionais

e estrangeiras.

Folia de Flandres, chumbo, c. anho,

Depósito de tabacos,

Lisboa

FARMACIA BRAZIL

Telefone 1055-Norte

7, Praça do Brazil, 8-LISBOA

Consultas médicas diária

Andilhas de uriana e outras

Empólio, sirope, pós e especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras

Produtos próprios preparados com todos os requisitos de ação e higiene

Centro Comercial do Bairro Novo

Alda Pereira da Silva

36 a 42 — Avenida da República — 36 a 42

ALGÉS

Gabinete de necropsia de L.º qualificado. Viseiros, Brotas e Andrade, Arribalde e Vieira

Monteiro de Braga — Viseu, Caldas e

Caravelas — Cartões de posta, formular, formulários e selados — Manuscritos — Questionários — Actas e

Protocolos — Procurações — Cartões e originais de vassouras — Louça fina, utilitários e vidros

Padaria

Especialidade em vinhos de posta, respondendo di-
rectamente da leva da propriedade e seus estable-
cimentos. Tabaco nacional e estrangeiros.

Este estabelecimento é o mais antigo de bairros

**MOAGEM
DE CERIAES**

QUINTA VELHA

AZEITÃO

Mão de conta albisa pelos
preços da lei:

Trigo, Milho e Centeio.

Farinha ou tritura outros
cereais por ajuste especial.**Ex-Barraca de Pau**

Antonio Adriano Valido

AZEITÃO

Avenida da villa

Gabinete de necropsia de primeira quali-
dade Especializado em CAVACAS de Azeitão
e delícias via Moscatel.

Depósito de garrafas e refrigerantes.

Tens europeus e carreiras de baixo para alugar

“RECOS RESUMIDOS”

76 Rue Nova do Almada 78

LISBOA

Manuel Pedro da Silva,

Guarda-chuvas e sombrinhas

Sempre Novidades

Bengalias da moda

Penas e travessas

Ganchos com finas pedras

Leques de fantasia

Fundição A FUNTIPO

Proprietário e Director Técnico P. GINI

ESCRITÓRIO: R. Nova da Piedade, 60, 2.-D

FUNDIÇÃO: R. Nova da Piedade, 60, 2.-D

LISBOA — Telefone 432

A única neste género em Portugal — Bom material e acabamento
Fantasias, entrelinhos, filetes, espaços, quadrados e longos**Tipografia Henrique Torres**

Desenvolvimento tipográfico

trabalhos tipográficos

nos livros e panfletos

com a

Máquina perfurada e rotativa

Telefones N.º 2221

Lisboa

Comercio Mixto

Amadeo Augusto Pereira

Rua Direita — AZEITÃO

Oficinas de manufatura de L.º quali-
dade — Louças de ferro comitado e ou-
tra — Caldeira a preços reduzidos — Vi-
dro em chapa — Fazem molduras occi-
tuais — vidros —

Vende-se barato para vender mais.

Vende-se barato para vender mais.